

A POLÍTICA NAS PÁGINAS DA REVISTA *PLACAR*: RELAÇÕES ENTRE O FUTEBOL E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA (1970-1979)

Patrícia Volk Schatz¹

Resumo: Desde o final do século XIX foi possível verificar no Brasil o surgimento de impressos especializados em esportes. Essas publicações acompanharam a expansão da prática no país à medida que o público leitor se interessava pela modalidade e, concomitantemente, as editoras inovavam com o uso de gravuras, imagens e charges. Entre os exemplos da imprensa esportiva de maior destaque nacional está a revista *Placar*, lançada em 1970, pela Editora Abril. O seu imediato sucesso esteve ligado, entre outros, com a euforia gerada pela vitória brasileira no mundial do México daquele ano, bem como esteve relacionado com uma demanda interna por publicações do segmento esportivo. Sendo assim, este texto objetiva identificar as principais relações do futebol com a política no recorte temporal de 1970 e 1979, ou seja, entre o lançamento da revista *Placar* e a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A metodologia aplicada pautou-se em revisão bibliográfica e pesquisas nas edições de *Placar*. Os resultados mostraram que a revista empregou um constante tom crítico, e por vezes irônico, nos textos correlacionados à política. Palavras chave: Esporte. CBF. Imprensa esportiva.

Politics on the Pages of Placar Magazine: Relationships Between Football and The Brazilian Civil-Military Dictatorship (1970-1979)

Abstract: Since the end of the 19th century, it has been possible to verify in Brazil the appearance of printed matter specialized in sports. These publications followed the expansion of the practice in the country as the readership became interested in the modality and, concomitantly, publishers innovated with the use of engravings, images and cartoons. Among the examples of the most prominent national sports press is the magazine *Placar*, launched in 1970 by Editora Abril. Its immediate success was linked, among others, to the euphoria generated by the Brazilian victory in the World Cup in Mexico that year, as well as being related to an internal demand for publications in the sports segment. Therefore, this text aimed to identify the main relationships between football and politics in the period between 1970 and 1979, that is, between the launch of *Placar* magazine and the creation of the Brazilian Football Confederation (CBF). The methodology applied was based on a bibliographical review and research on the publications of *Placar*. The results showed that the magazine used a constant critical, and sometimes ironic, tone in texts related to politics.

Keywords: Sport. CBF. Sports press.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina Email.: paty_schatz@yahoo.com.br

Introdução

A formatação e dispersão geográfica do futebol a partir da Inglaterra, no século XIX, possibilitou que esse esporte se tornasse um fenômeno global. As vias e os agentes responsáveis pela divulgação da modalidade na América do Sul, em particular, permitem discutir o papel de instituições de ensino, das elites, de trabalhadores e de imigrantes nos processos de reprodução do futebol por imitação, transplante ou relação (RAVENEL, 1998).

No Brasil, entre o final do século XIX e o começo do XX, a organização das primeiras competições esportivas e a formação de entidades reguladoras foram fundamentais para a popularização do futebol. Por conseguinte, informações e notícias sobre campeonatos, regulamentos e times começaram a ganhar espaço e notoriedade nos impressos locais e, depois, nos de circulação nacional.

À medida que o futebol se tornava popular, a produção jornalística e, especificamente, a esportiva passou a ser impulsionada porque a indústria cultural é estruturada para atender às necessidades dos mercados consumidores de bens simbólicos (SCHATZ, 2015).

No entanto, antes de tratar especificamente da gênese dos impressos esportivos nacionais, é importante destacar que as modalidades preferidas das elites brasileiras como o remo, o ciclismo, a natação e o turfe apareciam com maior frequência nas publicações, sobretudo, nas páginas sociais que mostravam clubes e arquibancadas como espaços de sociabilidade desses grupos. Em folhetins, cronistas retratavam questões do cotidiano e dos hábitos urbanos incluindo os esportes. Machado de Assis e Olavo Bilac são exemplos de cronistas que dedicaram trabalhos ao turfe, ao remo e as regatas em datas do final do século XIX (BRAUNER, 2010).

O que se verifica no último decênio do século XIX é o surgimento de suplementos esportivos ligados às revistas ou jornais criados anteriormente. É o caso das paulistas *A Platea Sportiva*, criada em 1891 a partir do jornal *A Platea*; da *Cigarra Sportiva*, do ano de 1917, oriunda da revista *A Cigarra*; de *A Gazeta Esportiva*, de 1928, e de *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, de 1953, ambas derivadas de *A Gazeta*. No Rio de Janeiro, por exemplo, *O Globo Sportivo* é criado em 1938 via jornal *O Globo*, e a *Manchete Esportiva* ligada à revista *Manchete* surge em 1955 (UNZELTE, 2015). Ou seja, os esportes começam a ganhar espaço próprio e destaque com estratégias editoriais que incorporavam o uso de gravuras, imagens e charges.

No início do século XX, a propagação do emprego das fotografias, com a intenção de estabelecer um contato direto com o leitor (MELO, 2012), foi importante para aproximar o público dos esportes em geral. Ainda vale ressaltar que “a diversificação da imprensa nos grandes centros é, também, outra marca do período”, pois “ao lado das edições dos jornais diários proliferam revistas mundanas, entre centenas de publicações” (BARBOSA, 2010, p. 118). Nesses processos, os esportes foram conquistando visibilidade como mostra Melo (2012) acerca dessas representações na imprensa do Rio de Janeiro

Imagens de regatas (de remo e de iatismo), de eventos de turfe, de jogos de futebol, entre outros, tornaram-se comuns em periódicos como Revista da Semana, O Malho, Fon-Fon, Careta. Espalhadas pelas páginas, sem estar relacionadas a uma matéria específica, no máximo com uma legenda, apresentam um panorama daqueles que se tornavam eventos sociais cada vez mais relevantes. As fotos seguem um script aproximado: flagrantes do público, por vezes em plano aberto, por vezes focando alguns indivíduos; aspectos das provas e das instalações esportivas; *takes* dos vencedores e dos arredores. Seguem existindo as charges que ironizam o esporte ou a sociedade a partir de elementos da prática esportiva (MELO, 2012, p. 41).

Concomitante à essas mudanças, a organização das primeiras ligas e campeonatos de futebol refletiu o forte perfil conservador e elitista que a prática assumiu no Brasil, ao mesmo tempo que reproduzia tensões sociais resultantes da exclusão de jogadores negros e de classes populares².

Da mesma forma, os campeonatos regionais eram realizados sob coordenação das ligas locais com embates entre defensores do amadorismo e do profissionalismo que “[...] disputavam a prerrogativa de organizar o futebol brasileiro, mas sem que ambos conseguissem superar as rivalidades regionais” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 77).

A intenção de regulamentar essas competições no Brasil acirrou os desentendimentos entre ligas e clubes culminando na criação de outras instituições como a Associação Paulista dos Esportes Atléticos (APEA) e, depois, a Federação Brasileira de Esportes (FBE) e a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Além das

² A Liga Paulista de Futebol (LPF), criada em 1901, pretendia manter valores das elites de São Paulo com claras evidências de intolerância e diferenciação social. Contudo, um dos clubes integrantes, o Club Athletico Paulistano, era mais tolerante no aceite de jogadores oriundos de camadas sociais populares (SARMENTO, 2006). No Rio de Janeiro, no ano de 1905, é fundada a Liga Metropolitana de Futebol, posteriormente rebatizada de Liga Metropolitana de Esportes Atléticos - LMEA, que contava com clubes como o Bangu Atlético Clube e o América Football Club que eram formados por futebolistas operários de fábricas. Para Sarmento (2006), a LMEA foi pioneira na popularização do futebol no Brasil.

disputas de poder entre paulistas e cariocas, essas entidades mantinham preocupações com a relação do futebol com a identidade nacional (SARMENTO, 2006). Em 1914, sob interferência da Federação Internacional de Futebol (FIFA), foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), com a tarefa de gerir a prática no país.

Enquanto essas articulações buscavam orientar e organizar os campeonatos de futebol, crescia o interesse de escritores, de impressos e do público pela modalidade. Com o processo de popularização desse esporte no Brasil também surgiram movimentos de contestação como a “Liga contra o Football”, de 1919, e liderada pelos literatos Lima Barreto, Mario de Lima Valverde, Coelho Cavalcanti e Antônio Noronha Santos³.

As transformações da prática no Brasil com a popularização também culminaram na publicação, em 1918, de livros como “História do Football em São Paulo” e “O Football em São Paulo” dos cronistas Antônio Figueiredo, de *A Gazeta*, e Leopoldo Sant’Ana do jornal *O Estado de São Paulo*. Sant’Ana também é autor de “Veteranos e Campeões” e “Supremacia e decadência do futebol paulista” dos anos de 1924 e 1925 respectivamente.

Sendo assim, o século XX registrou um grande crescimento e especialização da imprensa esportiva no Brasil com particularidades, inovações editoriais e estratégias de mercado diferenciadas. Entre os expoentes nacionais está a revista *Placar* da editora Abril, lançada no ano de 1970. Logo, este artigo objetiva identificar as relações entre o futebol e a política durante o período da ditadura civil-militar brasileira com ênfase no período entre 1970 e 1979, ano em que foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O texto está dividido, além da introdução e das considerações finais, em duas partes. A primeira introduz um debate sobre a trajetória da imprensa esportiva no Brasil com foco nos casos de *A Gazeta Esportiva*, *Jornal dos Sports* e *Manchete Esportiva*. E a outra parte do trabalho apresenta e discute como se teceram relações entre o futebol e a política nacional na revista *Placar*.

³ Santos (2019) mostra, através das crônicas de Lima Barreto, que o autor era crítico as “modernidades europeias” como o futebol que acreditava aumentar as desigualdades sociais no país.

Notas sobre os impressos esportivos no Brasil do século XX: trajetórias, estratégias e inovações

Ao se investigar a imprensa esportiva brasileira são encontrados trabalhos que partem de jornais e revistas especializados para tratar de temas correlatos aos esportes e suas trajetórias, ou ainda obras que discutem a imprensa esportiva no país. Desta maneira, Franzini (2000) e Negreiros (2003) dissertaram sobre a relação do futebol com a identidade nacional em períodos históricos distintos e com destaque para os processos de popularização da modalidade; Pardini (2009) discutiu os usos políticos do esporte bretão durante o Estado Novo; Brauner (2010) atentou-se para a transição entre a crônica e o jornalismo esportivo no caso do Rio de Janeiro; Toledo (2012) trabalhou com a perspectiva das inter-relações entre o jornal, a cidade e a modernidade na São Paulo do século XX; Unzelte (2015) versou acerca do futebol em revista no Brasil, passando pela análise de diversos impressos nacionais; Couto (2017) discorreu sobre a crônica esportiva no *Jornal dos Sports*, entre muitos outros exemplos.

Entre diversos impressos que podem ser elencados para apresentar um debate acerca da imprensa esportiva brasileira é possível destacar o caso de *A Gazeta – Edição Esportiva*. Para compreender o curso, bem como as etapas e processos, que explica a importância deste jornal especializado, Franzini (2000) coloca que

Lançada em dezembro de 1928, com circulação a princípio semanal, no final da década seguinte ela é rebatizada *A Gazeta Esportiva* e passa a sair três vezes por semana, periodicidade que se mantém até 1947, quando torna-se diária. Embora procurasse focar as mais diversas práticas desportivas, incluindo aí as peculiares charadas e a esdrúxula “colombophilia” (criação de pombos para *raids* aéreos), o grande destaque de suas páginas era mesmo o futebol (FRANZINI, 2000, p. 34).

Como suplemento, *A Gazeta Esportiva* contava com uma média de dezesseis páginas e, depois de circular de maneira independente a partir de 1947, ganhou uma versão impressa em 2001 “como testemunho vivido de um cotidiano ditado pelas rápidas transformações dos hábitos e da cultura urbana” (TOLEDO, 2012, p. 64).

Situando as primeiras décadas de *A Gazeta Esportiva* na conjuntura dos governos de Getúlio Vargas é possível traçar paralelos entre o futebol e a própria política nacionalista. Com pretensões de agir sobre a organização política, econômica e social, certos ideais acerca da construção de uma brasilidade foram mobilizados, também, em torno do futebol. Pois, “a partir da ideia de síntese racial e cultural,

chegou-se à definição de uma identidade nacional” e, nessa lógica, “atributos como brejeirice, ginga, astúcia, simplicidade e outros também foram reconhecidos na maneira ou no estilo brasileiro de jogar futebol” (ANTUNES, 1992, p. 32).

E é neste contexto que toma forma uma imprensa esportiva atenta à essas transformações, especialmente sobre o futebol que se tornava popular rompendo gradativamente com padrões elitistas.

No caso de *A Gazeta Esportiva* se ressalta a contribuição de cronistas renomados como Leopoldo Sant’Ana e Thomaz Mazzoni que foram determinantes para a formatação de um estilo esportivo e, particularmente, de uma “[...] sociabilidade esportivizadas que ajudariam a espriar os signos imagéticos da competitividade que dariam os contornos e estereótipos que tanto marcaram e ainda marcam contrastivamente as visões sobre a metrópole paulistana” (TOLEDO, 2012, p. 64).

A atuação de Mazzoni particularmente merece atenção. Com fortes ideais nacionalistas e defensor de um controle do Estado sobre os esportes, “o cronista entendia a prática esportiva como elemento de formação moral dos torcedores” (HOLLANDA; CHAIM, 2015, p. 13)⁴. Em seus textos, assinados em *A Gazeta Esportiva*, sob o pseudônimo de Olympicus, Mazzoni considerava a importância do Estado Novo na regulamentação e organização das práticas esportivas, defendendo inclusive a censura ao rádio e à imprensa especializados no tema.

Em redação de 1941, ao citar a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), o cronista defendeu a intervenção estatal para a promoção de valores como a “hierarquia, disciplina, ordem, idealismo, responsabilidade e competência” atrelados às atividades esportivas (MAZZONI, 1941, p. 17). Por conseguinte, “a convergência do ideário de Mazzoni com os princípios apregoados pelo Estado Novo contribuiu para que *A Gazeta Esportiva* acabasse por se tornar uma espécie de veículo oficial informal da imprensa esportiva brasileira na primeira metade dos anos 1940” (HOLLANDA; CHAIM, 2015, p. 15).

⁴ Hollanda e Chaim (2015) ainda destacam a produção de Mazzoni além do jornal. Os livros do autor trataram do “papel interveniente do Estado no meio esportivo e “suas críticas mais recorrentes diziam respeito à falta de visão nacional e a persistência do espírito clubista” (HOLLANDA; CHAIM, 2015, p. 14).

Igualmente relevante foi a atuação de Cásper Líbero que adquiriu o jornal *A Gazeta* no ano de 1918, quando já cria uma coluna intitulada “Gazeta Esportiva”⁵. Hollanda e Chaim (2015) enfatizaram que o proprietário do jornal paulista, assim como Mazzoni, entendia o papel do futebol para o desenvolvimento moral dos torcedores.

Além disso, “[...] Cásper Líbero modernizou o jornal fundado em 1906 ao importar rotativas da Alemanha, substituir o telégrafo pelo teletipo e implementar novas técnicas de gravura, composição e impressão gráfica – a primeira em cores no Brasil” (RIBEIRO, 2007, p. 50). Deste modo, o periódico se tornou um dos mais modernos em circulação na América Latina com padrões mundiais na criação e produção de material jornalístico (HOLLANDA; CHAIM, 2015).

Como um incentivador e entusiasta dos esportes, o editor e proprietário do jornal, também criou e promoveu competições como, por exemplo, a Corrida de São Silvestre (HIME, 2005). Vianna (2016) ainda menciona que o impresso popularizou apelidos para clubes e confrontos entre times do estado de São Paulo com uma linguagem clara e com promoções que aproximavam o leitor do jornal.

Com a morte precoce de Cásper Líbero, no ano de 1943, Mazzoni assumiu um papel protagonista nas ações tomadas sobre *A Gazeta Esportiva* e sua associada: a revista *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, lançada em 1953. Segundo Unzelte (2015), a revista surge como extensão ilustrada no jornal e se diferenciava por empregar em suas capas um papel de melhor qualidade e o uso expressivo de fotografias coloridas⁶. Com publicações quinzenais e duração até o ano de 1967, *A Gazeta Esportiva Ilustrada* privilegiava a cobertura dos principais clubes de São Paulo e do interior, além dos representantes do futebol do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Ademais, a revista contava com seções fixas que continham palavras cruzadas, concursos para leitores e perguntas de múltipla escolha (UNZELTE, 2015).

Como revista ou como jornal, *A Gazeta Esportiva* registrou as transformações do futebol brasileiro, porém não conseguiu competir com a concorrência da televisão

⁵ Vianna (2016) descreveu experiências anteriores de Cásper Líbero com a indústria jornalística. Entre estas, a criação do jornal *Última Hora* no ano de 1911, e sua atuação na sucursal do jornal *O Estado de São Paulo*.

⁶ Unzelte (2015) mostrou que o projeto da revista *Gazeta Esportiva Ilustrada* foi lançado primeiramente em 1950 quando não teve sucesso por conta da derrota brasileira na V Copa do Mundo. Depois, no ano de 1953, a revista voltou ao mercado como “a maior revista esportiva do Brasil” (UNZELTE, 2015, p. 95).

e demais tecnologias, sendo que “no seu percurso, viu aparecer inúmeros projetos de jornal e tantas outras investidas impressas de impacto, como a revista *Placar* a partir de 1970. Outras iniciativas mais preencheram fatias do mercado esportivo [...]” (TOLEDO, 2012, p. 76-77). Para Stycer (2009), a decadência deste impresso se deu pelo desgaste de um modelo tradicional de gestão.

Outro importante representante do segmento esportivo nacional é o *Jornal dos Sports*. Couto (2017) explicou que este impresso especializado surgiu, em 1931, da iniciativa do jornalista esportivo Argemiro Bulcão e de Ozeás Mota, empresário do setor gráfico.

A principal característica do *Jornal dos Sports* foi o uso de papel cor de rosa em suas edições que, segundo Hollanda (2012), era a estratégia de marketing de um jornal esportivo da França.

Além do mais, o editorial “Críticas e Sugestões” era representativo do impresso que “[...] conseguira inovar no mercado editorial da imprensa carioca, pois tornava o *JS* um diário esportivo, até então inédito na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil” (COUTO, 2017, p. 02-03). Para o autor, esse impresso foi importante para a divulgação dos esportes, além do futebol, através de espaços próprios para a cobertura de práticas diversas e de atletas. Também se destacavam as publicações específicas para cidades da região metropolitana do RJ e de clubes de menor porte, ou clubes de bairro, como estratégia para abranger um número maior de leitores (COUTO, 2017).

A partir de 1936, o *Jornal dos Sports* passa para o comando do escritor Mário Filho. Entre as inovações editoriais introduzidas no jornal, a partir deste período, é possível ressaltar a adoção de uma linguagem mais coloquial e próxima dos torcedores; uma mudança no estilo das fotografias que deixam de mostrar os jogadores perfilados e passam a priorizar a movimentação durante os lances ou as comemorações; a adoção de tirinhas e quadrinhos para ilustrar a participação dos clubes no Campeonato Carioca de futebol; e a inserção de conteúdos relacionados à direção dos clubes, contratação de jogadores, salários e valores dos passes (HOLLANDA, 2012). Ademais,

O futebol continuaria a dominar a pauta do *JS*, inclusive tornando-o menos poliesportivo do que no início da década de 1930. Podemos interpretar tais dados de duas formas: a primeira é a de que o interesse pelo futebol é ampliado, alastrando-se ainda mais por todos os cantos da cidade e arredores, inclusive com formação de ligas e associações de bairros e de

municípios periféricos, o que faz crescer o número de praticantes, interessados, torcedores e, não menos importante, leitores. Porém, os demais esportes continuavam a se desenvolver pela cidade, o que nos faz pensar também que era uma opção da direção do *JS* em privilegiar o futebol em detrimento das demais modalidades (COUTO, 2017, p. 08)

Outra característica da gestão de Mário Filho no *Jornal dos Sports*, e que se estendeu para as décadas de 1940 e 1950, esteve na contribuição de cronistas e escritores renomados como Manoel Vargas Neto, Antônio Olinto, José Lins do Rego, Everardo Lopes, Álvaro do Nascimento, Thomaz Mazzoni, Florita Costa, entre outros (COUTO, 2017).

Contudo, com a morte de Filho no ano de 1966, o jornal passou por períodos de crise e instabilidade até a venda para a família Velloso⁷. Depois, em 2007, o “cor-de-rosa” teve seu fim. A literatura, sem pormenizar, aponta para o surgimento de outros impressos esportivos como a revista *Placar* e o jornal *O Lance!* como explicativos para a decadência do *Jornal dos Sports*, pois se apresentavam como novas opções ao consumo do público.

Para finalizar a revisão geral acerca da literatura esportiva brasileira, antes de apresentar o caso da *Placar*, cabe incluir a *Manchete Esportiva*. Criada pela Bloch Editores, em 1955, no Rio de Janeiro, a revista também contou com a participação de escritores conceituados como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Fernando Sabino e David Nasser.

Outrossim, a principal marca da *Manchete Esportiva* foi o investimento no fotojornalismo. Nessa acepção, os recursos imagéticos alcançaram importância significativa para o trabalho dos editores, pois

[...] era a tônica da proposta editorial dessa publicação esportiva. Procurava-se percorrer o mundo esportivo por meio de imagens que retratassem uma representação de identidade nacional enfatizada pela idolatria à Seleção Brasileira de futebol, além de diversos outros temas, como a participação feminina nos esportes, a cobertura de esportes automobilísticos etc” (COUTO, 2011, p. 110).

Castro (1992) e Souza (2007) evidenciaram que a principal parte da revista era produzida aos domingos, depois do jogo no estádio Maracanã, para permitir a inclusão do jogador de destaque da partida na capa, o que “era uma façanha notável para uma revista naquele tempo” (CASTRO, 1992, p. 263).

⁷ Hollanda (2012) ressalta os problemas familiares que levaram a venda do *Jornal dos Sports* com o suicídio da viúva de Mário Filho e, posteriormente, a morte precoce do filho. Com o falecimento do colaborador Nelson Rodrigues, em 1980, as dificuldades econômicas se agravaram.

A *Manchete Esportiva* adotou, ainda em sua primeira fase de circulação até 1959 e em edições quinzenais, um “formato e estilo que vinham fazendo sucesso em outras publicações, como *Capricho*, da Editora Abril” e, assim, “apresentou-se em formato menor (17,5 por 25,5 centímetros) e passou a dar destaque na capa para ‘fotonovelas completas’ sobre a vida de grandes ídolos brasileiros” (UNZELTE, 2015, p. 108).

Já em sua segunda etapa no mercado, entre 1977 e 1979, a revista divulgou números com tamanhos distintos que continham capas e um caderno principal coloridos, sendo que “apostava principalmente na cobertura dos jogos e em colunas assinadas por nomes conhecidos do jornalismo esportivo no rádio e na televisão” (UNZELTE, 2015, p. 109). Neste período, a *Manchete Esportiva* não obteve sucesso na concorrência direta com a *Placar* (COUTO, 2012).

Dessa forma, os impressos esportivos que circularam no país desde o início do século XX revelam a diversidade e os investimentos feitos no segmento. Vários desses contribuíram para a inserção de modelos e inovações editoriais que buscavam cativar o público leitor, ampliando o interesse sobre as práticas esportivas. Logo, cabe incluir o caso da revista *Placar*, e considerando a conjuntura histórica da década de 1970, podem ser tecidas considerações sobre a relação desse impresso com a ditadura civil-militar brasileira.

O projeto de *Placar* do Grupo Abril: relações entre o futebol e a ditadura civil-militar no Brasil

A revista esportiva *Placar*, ainda que lançada em 1970, foi um projeto que nasceu com a Editora Abril em 1950, ano em que o Brasil sediou a IX Copa do Mundo e foi derrotada na final pela Seleção do Uruguai. Conforme explica o editorial de Victor Civita

Estamos entrando em campo para jogar ao lado do Brasil. No ano de uma nova Copa do Mundo, aqui está o nosso *Placar*: marcado pelo carinho de um sonho de quase vinte anos. Há vinte anos, quando era fundada a Editora Abril, nascia também a ideia de *Placar*. Era 16 de julho de 1950, uma data que o futebol brasileiro jamais esquecerá. As lições das duas primeiras Copas, 1930 e 1934, e as lembranças da jornada quase vencedora de 38 desaguaram no Maracanã na monumental Copa de 50, para formar a torrente de um time quase inesquecível. Mesmo preocupados em consolidar as bases de nossa editora, fomos contagiados pela febre da Copa, passando a viver

aqueles dias de julho sob a temperatura altíssima de incontidas emoções (PLACAR, 20 mar. 1970, p. 38).

É importante ressaltar que circularam, entre 03 de fevereiro e 13 de março de 1970, seis números da revista em caráter experimental que registraram expressivo êxito. É possível justificar o sucesso desse projeto na lógica da expectativa para o mundial de futebol daquele ano e, ao mesmo tempo, havia o crescimento da produção, distribuição e consumo de cultura já que “[...] se consolidam os grandes conglomerados que controlam os meios de comunicação e de cultura popular de massa” (ORTIZ, 1988, p. 121). Nessa lógica, a formação de uma classe consumista e os valores populares acessíveis de *Placar* também explicam os números favoráveis da venda dos exemplares (MALAIA, 2012). Na figura 01 é possível observar a capa da primeira edição de *Placar* de 20 de março de 1970.

Figura 01 - Capa da primeira edição de *Placar*, 20 de março de 1970



Fonte: PLACAR, 20 mar. 1970.

A figura 01 apresenta elementos importantes para discutir o futebol, esporte mais privilegiado pelo impresso, e outros temas ligados à política nacional. A relação do técnico da Seleção, João Saldanha, com a CBD, já dão indícios das ligações com a política, devido ao seu posicionamento abertamente crítico (AQUINO, 2002). Não por menos, ao final de 1970,

A queda de João Saldanha foi nascendo ao mesmo tempo em que ele se transformava no João-Sem-Medo, no João-Língua-Solta, no João-das-Feras ou no João Quixote. Enquanto deixava de ser apenas o

João-Técnico, Saldanha dava motivos fundamentais para que fosse derrubado (PLACAR, 27 mar. 1970).

A imprensa na época, como muitos relatam na literatura, apontou para os anseios do presidente Médici pela escalação do jogador Dário, do Clube Atlético Mineiro, como uma das razões para a saída de Saldanha do comando do selecionado brasileiro⁸. Entretanto, sem negar esse evento, o próprio João Saldanha explicou outras razões que implicaram na sua demissão

Foi uma entrevista que dei a um jornalista inglês. Ele me perguntou se havia presos políticos e tortura no Brasil. Eu respondi que sim. Alguns presos tinham sido soltos em troca de um embaixador e declararam isto a todo mundo. E aqui no Brasil todos sabiam das prisões e torturas (PLACAR, 11 jan. 1980, p. 24-25).

Nesse sentido, Chaim (2014) salientou que a saída do técnico “produziu uma desconfiança geral em relação a seleção” (p. 81), tanto que foi organizada uma partida contra o Chile, no Morumbi, em que foram distribuídos materiais com a letra do hino nacional.

Além disso, foram promovidas mudanças substanciais na estrutura da CBD que levaram a um processo de militarização no comando das atividades relacionadas ao futebol no Brasil (SCHATZ, 2015). Afora a escolha do civil Mário Zagallo como técnico da Seleção nacional, a chefia da delegação brasileira ficou à cargo do major-brigadeiro Jerônimo Bastos, ligado ao Serviço Nacional de Informação (SNI), enquanto o major Ipiranga Guaranyss assumiu a função de resguardar a segurança dos jogadores. Já os oficiais Cláudio Coutinho e Raul Carlesso, ambos da Escola de Educação Física do Exército, tomaram a responsabilidade de garantir o condicionamento físico dos futebolistas.

Essas escolhas suscitaram questionamentos quanto a possível censura, ao que Guaranyss refutou afirmando que “espalharam que sou agente do SNI e que estou aqui para fichar os jornalistas brasileiros. Ora bolas, todo mundo que sai do Brasil tira passaporte e visto, por que eu ficharia alguém aqui?” (PLACAR, 15 mai. 1970). Esse perfil de discurso, que tinha a intenção de negar as críticas feitas a condução política do país tomada pelos militares em 1964, também foi reforçada por um amplo aparato de propaganda e censura alicerçado em programas como o Plano Nacional de

⁸ Outras declarações de Saldanha como, por exemplo, a suspeita sobre as condições físicas de Pelé para disputa da Copa do Mundo de 1970 também foram amplamente divulgadas pela imprensa na época (CHAIM, 2014).

Desenvolvimento (PND), o Programa de Integração Nacional (PIN), o Proterra, Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), o SNI e slogans como “Brasil: grande potência” e “Brasil, ame-o ou deixe-o”, entre outros exemplos.

Sem intenção de reduzir o futebol ao ópio do povo como sugeriram alguns autores (FASSY, 1982; RAMOS, 1982), é inegável que a popularidade desse esporte contribuiu com os anseios patrióticos do governo Médici, sobretudo com a conquista do tricampeonato inédito em 1970. As comemorações no Brasil, com desfiles e exibição dos jogadores e da taça, corroboraram com os sentimentos otimistas acerca do país.

Não obstante, o sucesso editorial da revista *Placar* também pode ser associado ao desempenho brasileiro no mundial de 1970. Sendo assim, é possível apontar para esse impresso como importante divulgador das práticas esportivas no país, bem como identificam-se debates relevantes sobre o futebol e suas inter-relações com a política, a economia e a sociedade.

A pesquisa de Schatz (2015) mostrou, entre outros, momentos pontuais em que o governo passou a interferir na nomeação de responsáveis pela CBD como quando sugere o nome de Eric Tinoco Marques, comandante da Escola de Educação Física do Exército e coronel de cavalaria, para o comando da instituição em substituição à Antônio do Passo (SCHATZ, 2015). Do mesmo modo, a formatação do certame brasileiro atendia ao propósito da integração nacional, sendo que entre agosto de 1973 e fevereiro do ano seguinte, 40 clubes participaram do campeonato como resultado da influência militar sobre a CBD (SARMENTO, 2006; SCHATZ, 2015). Esse cenário consolidou a expressão ‘Onde a ARENA vai mal, um time no Nacional’⁹, em referência à acordos e convites feitos para inclusão de clubes no campeonato brasileiro como relatado por *Placar* por ocasião de uma declaração do técnico do XV de Piracicaba que relatou como Heleno Nunes havia garantido “pessoalmente, em seu gabinete” (PLACAR, 20 ago. 1976, p. 9) que o clube paulista disputaria o certame nacional seguinte¹⁰.

⁹ Arena é a sigla para Aliança Renovadora Nacional.

¹⁰ É importante frisar que o acréscimo de clubes ao campeonato brasileiro, nos anos de 1970, não refletiu diretamente no aumento de receitas com bilheteria. Como afirma Franco Júnior (2007), a média de público por partida nos estádios diminuiu de 20 mil torcedores em 1971 para 10 mil em 1978.

Nessa conjuntura, para eleições de 1978, a *Placar* apresentou “*Os craques na boca da urna*” com a proposta de mostrar que os atletas também se preocupavam com o pleito eleitoral

Jogador de futebol é desligado- a frase corre o Brasil, como verdade definitiva. Nem tanto. Ou nem um pouco. Este ou aquele votará de acordo com seus interesses, ou até por amizade, mas a maioria vai às urnas para ‘tentar mudar alguma coisa’. Como a Arena está aí há muitos anos, a única opção possível é o MDB- é a conclusão a que chegam os jogadores (PLACAR, 10 nov. 1978, p. 12).

Outras publicações da revista mostravam o apoio de futebolistas ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) como observa-se nos casos do representante do Santa Cruz F.C, Zé Roberto, que chegou a afirmar sua “insatisfação com o atual estado de coisas, principalmente com a censura”. Ou, ainda, como ocorreu com Juari, do Santos F.C., que se colocou “contra as péssimas condições de vida do povo e contra a falta de liberdade” (PLACAR, 10 nov. 1978, p. 12). Já ao mencionar relações entre atletas e clubes com a ARENA, o impresso esportivo ressaltou que, mesmo o partido do governo contando com candidatos de Federação e de clubes locais como o Clube do Remo e Paysandu S.C., os atletas de ambos haviam declarado apoio à oposição. E ao citar a adesão de um atleta do Clube Náutico Capibaribe à ARENA, o impresso destacou a gratidão pelo recebimento de uma bolsa de estudos (PLACAR, 10 nov. 1978).

Com o resultado final favorável ao MDB, o texto “*O jogo das eleições*” criticou a tentativa do partido do governo em usar do esporte como plataforma política salientando que o eleitor havia colocado seu voto acima de aspirações clubísticas. Ademais, menciona que o “candidato que entrou naquela de faturar voto em cima do futebol recebeu um sonoro N-Ã-O do eleitorado” como foi o caso do presidente da Federação da Bahia, Raimundo Viana que, mesmo distribuindo ingressos para jogos, não alcançou três mil votos para deputado federal (PLACAR, 01 dez. 1978, p. 61).

À medida que o país seguia com mudanças favoráveis à democracia na segunda metade da década de 1970, a revista *Placar* continuou aproximando o futebol da política com uso de outros recursos gráficos. Foi o caso de publicações de charges, no ano de 1978, sobre a anistia e acerca dos senadores biônicos como observa-se nas figuras 02 e 03 respectivamente.

Cabe destacar que o conteúdo da figura 01 não estava desvinculado do observado nos estádios brasileiros. Dando visibilidade a questão, o impresso esportivo reproduziu episódios como o ocorrido em uma partida entre o S.C. Corinthians Paulista e o Esporte Clube São Bento, no Pacaembu, onde

No meio da torcida Unidos da Barra Funda, abre-se uma faixa: **‘Anistia ampla, geral e irrestrita’**. Os soldados correm para prender os responsáveis, mas foram aparvalhados quando um deles aponta para o canto inferior da faixa. Em letra miúda, está escrito: **‘para sócios em débito’** (PLACAR, 23 mar. 1979, p. 23).

O evento ressaltou a relevância dos estádios para manifestações de cunho político e social, afastando as hipóteses sobre o futebol como, unicamente, “o ópio do povo”.

Ainda durante o ano de 1978, *Placar* apresentou outra charge mencionando as garantias que o Pacote de Abril dava ao governo para nomear um senador em cada estado. Os chamados “senadores biônicos” são tratados com escárnio pelo personagem de *Eugênio, o cartola* (figura 03) que indica uma “aula de introdução à bionicologia pros senadores indiretos”.

Nesse sentido, infere-se que o uso das charges, no caso carregadas de ironia, permite dar importância às questões políticas e sociais, “[...] pois a utilização do humor produz uma interação entre autor e leitor” (ALVES; PEREIRA; CABRAL, p. 2013, p. 421). Deste modo, a revista *Placar* não esteve isenta de publicações provocativas e politizadas, colocando esse impresso esportivo em evidência.

O desenvolvimento das relações entre o esporte mais popular do país e a política no período corroboraram para as pesquisas de Schatz (2015) que se refere à uma abertura democrática do futebol. No entanto, neste processo, a criação da CBF, em 1979, com a liderança de um civil – o empresário Cláudio Coutinho – ainda mostravam as remanências do regime sobre a esfera futebolística. Desta forma, as questões envolvendo a competição nacional ganhavam destaque na *Placar*.

Como salvar o futebol brasileiro? A pergunta é feita ao homem escolhido pessoalmente pelo presidente João Figueiredo para encontrar a solução: Giulite Coutinho, próspero empresário no ramo do comércio exterior, atual presidente do CND e desde já cotado para dirigir a futura Confederação Brasileira de Futebol. E ele responde: - Não posso fugir à ética (PLACAR, 7 set. 1979, p. 24).

Ainda assim, a presidência da CBF também foi vislumbrada por outras lideranças do esporte nacional como os presidentes Márcio Braga do Clube de Regatas do Flamengo (RJ), Nabi Abi Chedid da Federação Paulista e Rubem Hoffmeister da Federação Gaúcha. Porém, a revista *Placar* cravou a vitória de Coutinho por ser o “homem de confiança do presidente Figueiredo, a cujas churrascadas não falta” (PLACAR, 14 set. 1979, p. 38).

Para a seção “*Opinião de Placar*”, assinada por Juca Kfourri, a CBF projetava “novos tempos em nosso futebol” com objetivo de garantir respeito aos atletas e uma administração adequada (PLACAR, 30 nov. 1979, p. 9). Logo, distante das interferências políticas que o visavam para outros fins como observado nas edições do certame nacional ainda na primeira metade da década de 1970.

Sendo assim, até o momento do surgimento da CBF, em 1979, as publicações da revista *Placar* versaram sobre as relações do futebol com a política. O constante tom crítico do impresso e os questionamentos realizados sobre a condução da prática no Brasil podem ser arrolados como exemplos importantes do papel da imprensa esportiva no país.

Considerações finais

O ingresso e desenvolvimento do futebol no Brasil favoreceu o surgimento de uma imprensa especializada em esportes. Desde o final do século XIX e ao longo do XX foi possível identificar uma diversidade de impressos do segmento esportivo que buscavam angariar o interesse do público leitor e, ao mesmo tempo, sinalizavam para processos sociais mais complexos como o crescimento urbano, a popularização do esporte e o crescimento de uma indústria cultural no país.

Logo, foram apresentados com destaque os casos de *A Gazeta Esportiva*, *Jornal dos Sports* e *Manchete Esportiva*. Com suas particularidades, esses impressos se consolidaram ao empregar inovações editoriais e, também, por contarem com a participação de literatos importantes. Considerando a conjuntura histórica dessas publicações, observou-se como cada uma delas dialogava com questões nacionais em pauta como foi o caso de *A Gazeta Esportiva* que incorporou debates sobre as relações do Estado com o futebol e a identidade brasileira. Já com a atuação de Cásper Libero a revista se notabilizou por mudanças de impressão e gráficas possibilitadas pela aquisição de equipamentos do exterior. Contudo, sem minimizar a

sua importância, essas inovações não foram suficientes para garantir a continuidade do projeto em concorrência com outros periódicos especializados.

Depois, deu-se atenção para o *Jornal dos Sports*, o conhecido cor-de-rosa. A gestão de Mário Filho e o emprego de recursos como linguagem coloquial, aperfeiçoamento dos registros fotográficos, quadrinhos, tirinhas e conteúdos diversificados garantiu grande notoriedade ao jornal. Com duração que se estendeu até a segunda metade da década de 2000, este impresso também teve dificuldades para disputar mercado com outros concorrentes.

E ainda nessa análise introdutória tratou-se da *Manchete Esportiva*. Pertencente à Bloch Editores e com duas fases de circulação no Brasil, a revista modernizou com o fotojornalismo. Além disso, adequações de formato e a adoção de textos sobre os futebolistas também serviram para justificar o êxito da *Manchete Esportiva*. Ainda assim, a literatura salienta que o fim desta revista se deu por dificuldade de manutenção na disputa por mercado com outros exemplares do segmento especializado como, por exemplo, a revista *Placar*.

Criada pela Editora Abril e lançada no ano de 1970, a *Placar* oferece inúmeros elementos para correlacionar, em particular, o futebol com a conjuntura política nacional daquele período. Como observado nas análises, nas suas primeiras edições, a revista apresentou tensões existentes entre o governo de Médici e o técnico da Seleção, João Saldanha. Reconhecido como um crítico à ditadura civil-militar, Saldanha foi demitido por se posicionar abertamente para a imprensa como contrário a censura e outros crimes do regime.

Esse evento provocou outras mudanças substanciais. A CBD passou por um processo de militarização com indicações específicas para cargos fundamentais como a chefia, a segurança e a preparação física da delegação brasileira. A revista *Placar* mostrou, em seus textos e publicações, estar atenta à essas transformações.

Ainda ao estabelecer ligações entre o esporte e a política, a revista deu atenção ao modelo do campeonato brasileiro, criado em 1971. A inclusão de clubes, através de acordos e convites com viés eleitoreiro, também aparece com destaque nas publicações de *Placar* que, assim, garantia um debate sobre a administração da modalidade no país. Já por ocasião do pleito eleitoral de 1978, a revista não se isentou de proporcionar aos leitores contato com opiniões diversas. Projetando as opiniões de futebolistas sobre as escolhas entre a Arena e o MDB, a revista visibilizou

tanto as críticas ao regime civil-militar como à pretensão de uso político sobre o certame nacional. Outros temas relevantes como a anistia e o Pacote de Abril aparecem em charges contempladas com humor e ironia. O emprego desse recurso oferecia ao leitor contato com temas em voga e reforçava uma relação politizada entre o futebol, a política e a imprensa esportiva.

Nesse sentido, abordando a constituição da CBF, em 1979, a revista *Placar* mostrou os interesses envolvidos com a criação da entidade através da indicação de um civil, Cláudio Coutinho, apoiado pelo presidente João Batista Figueiredo. Ainda assim, é inegável que a saída dos militares de cargos estratégicos na liderança das práticas esportivas sinalizava para modificações substanciais.

Desta forma, a revista *Placar* se apresentou como um canal para divulgação de temas para além da rotina que envolve federações, clubes e jogadores. Ao longo dos anos de 1970, e durante a reabertura democrática, esteve atenta ao momento histórico de modo que suas publicações reforçam a importância do futebol, em particular, para leituras mais amplas e complexas acerca do Brasil.

Fontes:

- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 20 mar. 1970. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 27 mar. 1970. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 15 mai. 1970. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 20 ago. 1976. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 01 mar. 1978. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 03 out. 1978. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 10 nov. 1978. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 01 dez. 1978. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 23 mar. 1979. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 07 set. 1979. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 14 set. 1979. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 30 nov. 1979. Semanal.
- REVISTA PLACAR.** São Paulo: Editora Abril, 11 jan. 1980. Semanal.

Referências

ALVES, Telma Lucia Bezerra; PEREIRA, Suellen Silva; CABRA, Laíse do Nascimento. A utilização de charges e tiras humorísticas como recurso didático-pedagógico mobilizador no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p. 417-432, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/7915/5488>. Acesso em 14 fev. 2023.

ANTUNES, Fátima Martin L. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação (mestrado)- Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Sociologia. São Paulo, SP, 1992.

AQUINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2002.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRAUNER, Eugenio. **Entre as quatro linhas: da crônica sobre o futebol ao jornalismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista**. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CARVALHO, Alessandra. **As atividades político partidárias e a produção de consentimento durante o regime militar brasileiro**. In: A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Organizadores: Denise Rollemberg, Samantha Quadrat. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02042014-095412/pt-br.php>. Acesso em 30 mai. 2022.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – História Social, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

COUTO, André Alexandre Guimarães. O Jornal dos Sports e sua Trajetória: uma Breve História a partir de seus Cronistas (1931-1958). In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. *Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: INTERCOM, 2017. p. 2039-2039-1.

FASSY, Amaury. **Brasil tetracampeão mundial?** Brasília: Horizonte, 1982.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 - 1950).** 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/170959_Franzini%20\(M\)%20-%20As%20raizes%20do%20pais%20do%20futebol.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/170959_Franzini%20(M)%20-%20As%20raizes%20do%20pais%20do%20futebol.pdf). Acesso em 26 jan. 2022.

HIME, Gisely. Cásper Líbero: o empresário que criou a primeira escola de jornalismo. *In*: MELO, José Marques de (org.). **Imprensa brasileira: personagens que fizeram história.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. *In*: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CHAIM, Aníbal Martinot. Ordem e Progresso nas arquibancadas: o jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime político do estado novo (1937-1945). **Revista de História**, [S.L.], n. 179, p. 1-27, 16 set. 2020. Universidade de São Paulo.

MALAIÁ, João. *Placar*: 1970. *In*: **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil.** Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MAZZONI, Thomaz. **O esporte a serviço da pátria.** S/e: São Paulo, 1941.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo e MELO, Victor de Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil.** Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012.

MEZAROBBA, Glenda. **Um acerto de contas com o futuro: a anistia e suas consequências - um estudo do caso brasileiro.** 2003. 213 f. (Dissertação) – Curso de Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, p. 121-151, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2727>. Acesso em 26 fev. 2023.

ORTIZ, Renato. **A Moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. 2009. 236 f. Dissertação (mestrado) – Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RAVENEL, Loïc. **La géographie du football en France**. Press universitaires de France, 1998.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo. História da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SANTOS, J. A. dos. Lima Barreto: Apontamentos sobre football e protagonismo negro no Brasil. **Revista Práxis**, [S. l.], v. 1, p. 103–122, 2019. DOI: 10.25112/rpr.v1i0.1739. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1739>. Acesso em 19 dez. 2022.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SCHATZ, Patrícia Volk. **A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982)**. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História. Florianópolis, SC, 2015.

SOUZA, Marcos Pedrosa de (org). **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **A cidade e o jornal: A Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX**. In: O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

UNZELTE, Celso Dario. **Futebol em revista no Brasil: dos primeiros títulos à resistente Placar**. 2015. 229 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/futebol-em-revista-brasil-dos-primeiros-titulos-resistente-placar/>. Acesso em 26 dez. 2022.

VIANNA, Maria Luiza Martins de Almeida Mello. **“Placar” de casa nova: 46 na os da maior revista esportiva do Brasil**. 2016. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Comunicação Social/Jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6113/1/MVianna.pdf>. Acesso em 28 jan. 2022.